

FUTEBOL E SENTIMENTALISMO MANIFESTO NA CRÔNICA ESPORTIVA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

André Mendes Capraro¹

Resumo:

Este artigo interpreta a dualidade entre sentimento/argumento a respeito do futebol presente na produção literária de três renomados literatos brasileiros: Lima Barreto, Gilberto Amado e Coelho Netto.

Palavras-chave: *futebol, literatura; crônica esportiva.*

I

Primeiras décadas do século XX. O futebol tornara-se subitamente a modalidade mais popular no país. Tendo em vista esse processo de popularização, tal esporte não deixaria de gerar um debate no meio literário brasileiro. É notório que muitas das afinidades ou querelas dos intelectuais/escritores em relação ao futebol envolviam aspectos pessoais. Neste sentido, compreendê-los é fundamental para o entendimento das manifestações textuais destes personagens eruditos.

O mais ferrenho crítico, por exemplo, foi Lima Barreto. Mas por que ele mantinha tão forte ressentimento em relação ao futebol e seus praticantes? Aflora em seus textos, especificamente nas crônicas, a difícil condição social do negro e do pobre. Barreto se tornou a voz dos oprimidos em um período de extrema dificuldade sócio-econômica. Como descreve Beatriz Rezende, a responsável por coletanear todas as crônicas do literato, “[...] pardo, morador do subúrbio de Todos os Santos, Lima Barreto fez do jornalismo tribuna para campanhas que revelam sua indignação social e política, na intenção de chamar a atenção da opinião pública para o valor do cidadão, de sua liberdade e de sua consciência política na construção da democracia” (Rezende, 2004: 72).

Deste modo, as dificuldades na infância – “A trajetória de Lima Barreto se explica ao mesmo tempo pela presença de um padrinho rico que patrocina seus estudos e pela loucura de seu pai ao fim de sua adolescência. O pai e a mãe de Afonso Henriques de Lima Barreto eram ambos filhos naturais de escravos” (Miceli, 1977, p. 37) –, sua condição de funcionário público de carreira (ou seja, um literato frustrado), o fracasso nas primeiras publicações, o alcoolismo, o preconceito por parte da academia, os constantes internamentos em clínicas psiquiátricas, enfim, dor e sofrimento, são marcas da sua vida (Barbosa, 2002). Como registrado no diário do próprio Lima Barreto, em uma de suas passagens pelo hospício.

Voltei para o pátio. Que cousa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar de rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoievski, na Casa dos Mortos. Quando

¹ Doutor em História-UFPR / CEPELS-UFPR / CEMEDEF-UFPR Universidade Positivo / GT Futebol & Sociedade-UFPR

baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.

Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela (Barreto, 1998: 154).

São palavras deprimentes e chocantes, carregadas de sentimentos, capazes de causar reação de compaixão e de empatia no leitor mais cético e distante. Como concluiu Sérgio Miceli a respeito da obra do literato “A ambigüidade [...] assume seu pleno sentido porque Lima Barreto viveu tal experiência enquanto mulato, estigma a que vai atribuir em larga medida sua exclusão social, sua infelicidade, sua decadência física, as alucinações, o alcoolismo, o celibato forçado” (Miceli, 1977: 42).

Todos estes sentimentos eram manifestos no texto barretiano, tornando-se aquilo que é chamado por Candido (1992), para a análise de obras literárias, de *fator interno*. Este é marcado na obra de Barreto por duas características: 1) uma seleção de conteúdos passíveis de forte inserção social ou que, pelo menos, como no caso do futebol, possam ter implícitas, as possibilidades de crítica (Barreto, 1980). Por isso, então, a “[...] invectiva contra os símbolos de distinção que, aparecendo com a sociedade republicana ou sobrevivendo dentro dela indevidamente, minavam os pretensos propósitos, democráticos do regime, estabelecendo níveis de discriminação que permeavam até mesmo as pequenas relações banais do cotidiano” (Sevcenko, 1999: 179).

2) Como instrumento desta empreitada contra as elites, uma linguagem diferencial: ácida, ferina e satírica, na maioria das vezes tendendo à ironia e ao sarcasmo, mas sempre de rara fruição e erudição e, sobretudo, ecletismo. “Variar e atrair: esse o mandamento a que Lima Barreto submetia toda a sua criação, com o fito evidente de maximizar a sua expressividade, reforçando sua capacidade comunicativa. É esse mesmo impulso, pois, que lhe suscita uma manifesta flexibilidade no trato e combinação de diferentes vertentes estéticas” (Sevcenko, 1999: 164).

As suas crônicas sobre o futebol, em sua maioria, iniciavam com um tom irônico que poderia acabar capturando o leitor mais descuidado ou que não tivesse contato anterior com seus textos. “Não há dúvida alguma que o *football* é uma instituição benemérita, cujo rol de serviços ao país vem sendo imenso e parece não querer ter fim. Com a citação deles, podíamos encher colunas e colunas desta revista, se tanto quiséssemos e para isso nos sobrasse paciência” (Barreto, 2004: 432).

Das coisas elegantes que as elegâncias cariocas podem fornecer ao observador imparcial, não há nenhuma tão interessante como uma partida de football.

É um espetáculo de maior delicadeza em que a alta e a baixa sociedade cariocas revelam a sua cultura e educação.

[...] As senhoras que assistem merecem então todo o nosso respeito.

Elas se entusiasma de tal modo que esquecem toda as conveniências.

São chamadas ‘torcedoras’ e o que é o mais apreciável nelas, é o vocabulário.

Rico no calão, veemente e colorido, o seu fraseado só pede meças ao dos humildes carroceiros do cais do porto.

Poderia dar alguns exemplos, mas tinha que os dar em sânscrito (Barreto, 2004: 29).

As suas principais características estéticas eram a centralização no tempo presente e a proximidade ao cotidiano. Como descrito, “O real assim construído perderia o aspecto frio e insensível que a rotina do cotidiano lhe assinala, provocando a anuência indiferente dos indivíduos, para mostrar-se em toda a crueza da sua nudez repentina” (Sevcenko, 1999: 162).

Metáforas e fábulas eram pouco utilizadas. Dentre suas crônicas publicadas sobre o futebol – aproximadamente duas dezenas – apenas quatro delas tinham um estilo mais ficcional, aproximando-se do gênero conto. Nas quatro a finalidade era provar que o futebol havia, sem merecimento, suplantado em termos de interesse ofícios mais íntegros.

Na primeira delas, Lima narra a história de uma moça que, desde a infância, almejava casar com um poeta devido a sua popularidade, mas acaba mudando de opinião, casando-se com um jogador de futebol, pois este tinha mais visibilidade social e fama.

A segunda, sobre um rapaz de uma família tradicional de imigrantes dinamarqueses que, mesmo formado em Direito, não apresentou aptidão para exercer a profissão. Sendo assim, foi, à custa do pai, para Nova Iorque estudar “eletricidade”, mas só foi ganhar notoriedade mesmo jogando o futebol, esporte que tinha aprendido na sua estadia nos EUA.

Na terceira, ironicamente, Barreto conjuga dois assuntos que eram constantemente criticados: o futebol e a titulação (o título de “doutor”). Trata-se de um diálogo, escrito no impessoal – o autor se isentava, propositalmente, do assunto. Era sobre um tal de “doutor Panatércski”, que um dos interlocutores tentava descobrir a qual área de saber pertencia. Depois de várias tentativas sem sucesso, lhe é revelado: “– É sabichão no football. Eis aí!” (Barreto, 2004: 519).

A última, também narra um diálogo entre dois amigos, ambos tentando encaminhar a vida dos seus filhos. O primeiro pai reclamava que seu filho, mesmo formado em Direito, não se ajeitava na vida. Já o segundo, também contrito, afirmava que seu filho só queria saber do tal de football. Depois de um tempo os dois se encontram novamente, o primeiro satisfeito porque seu filho, o bacharel em Direito, havia obtido uma promoção no seu local de trabalho, o cais do porto; e o segundo mais feliz ainda porque seu filho tornara-se jogador do selecionado brasileiro, e ainda por cima tinha recebido “[...] cinquenta contos; e [se transformado em] um herói nacional” (Barreto, 2004: 577). Alertava, então, de forma explícita, para um fenômeno que iniciava na época: a profissionalização do futebol.

Nestes casos citados acima, a chave para o entendimento da crítica estava presente em um recurso literário: os personagens secundários, que sempre apresentavam um comportamento inquiridor, ao mesmo tempo com reações de perplexidade ou com sensíveis demonstrações de decepção quando os personagens principais expõem os seus diversos vínculos com o futebol.

Mas se Barreto tinha evidentes ressentimentos pessoais em relação ao futebol, outros literatos da sua época demonstrariam sentimentos opostos: admiração, simpatia e paixão.

II

A adoração de Gilberto Amado pelo futebol, por exemplo, prosseguiu por toda sua vida. Tanto é que com certa regularidade o futebol aparecia como tema nos seus escritos, a maioria de forma secundária, como no romance *Os Interesses da Companhia*, publicado originalmente em 1942, onde um dos personagens era um jogador de futebol, cercado por colegas futebolistas que com ele se preocupavam (Pedrosa, 1968: 161). Em outras obras, os atletas de futebol chegam até ao papel de protagonistas, como no excerto de romance, publicado na coletânea *Seleta*, cujo título era *Futebol, Questão de Caráter* (Amado, 1974: 118-122).

Este texto é estruturado a partir de um diálogo entre um jovem elitista e uma figura humilde que, mais tarde, iria se declarar ex-jogador de futebol da seleção brasileira. O ex-atleta tenta explicar ao jovem por quais motivos ele daria um bom meia-esquerda, e, paradoxalmente – a grande trama do enredo –, a explicação era pautada em aspectos técnico, tático e físico quanto em uma característica de personalidade: o caráter. Segue um trecho do diálogo pouco convencional estabelecido entre os dois:

- É pena, Geraldo, que você não jogue futebol.
- Por quê? – perguntou Geraldo, surpreso.
- Você daria um meia-esquerda... – E ao mesmo tempo que beliscava a ponta da orelha: – daqui!
- Mas por quê?
- Por causa do caráter... Futebol não é questão de perna, de saber correr, de saber driblar, de saber chutar... É questão de caráter. Você tem caráter.
- Mas por que particularmente meia-esquerda?
- Você não abandona posição, todos, centroavante, extrema-direita, extrema-esquerda... A linha média, você sabe é móvel por natureza, deve justamente mudar de posição. Mas o meia-esquerda deve não sair do seu lugar, deve fincar-se entre o centroavante e o extrema-esquerda, custe o que custar! (Amado, 1974: 119-120).

Mas o conto conduz para a principal característica da literatura de Gilberto Amado: o memorialismo. A maioria das suas obras segue este estilo que, por sinal, seria a sua maior marca literária. Amado era então especialista em gerar a arte a partir das próprias vivências de homem douto inserido no contexto mundial. Como relata Homero Senna no prefácio da coletânea *Seletas*, “Ao contrário do que aconteceu com outros dos nossos escritores, cujo afastamento do país fez com que perdessem o interesse pelas coisas brasileiras, a distância aguçou, em Gilberto Amado, o sentimento de compreensão e ternura pela pátria, ‘o grande lar longínquo coberto de sol debaixo dos trópicos’” (Senna In Amado, 1974: xiv).

Nesta perspectiva, o conto também recorre ao memorialismo do autor, aproximando-se do sentido de *fronteira* literária, pois, a partir do diálogo dos dois personagens fictícios, começaram a emergir comentários sobre vários jogadores que realmente se destacaram durante os primórdios do futebol brasileiro.

O nome de Friedereich nenhum eco lhe despertava na alma. O cinema, a política, o automóvel, outras coisas tomaram nos da sua geração o lugar que ocuparam, para os que hoje estão entre os trinta e cinco e os cinquenta, as disputas célebres entre Flamengo e Fluminense, entre Rio e São Paulo, entre os combinados Brasil e Uruguai, Brasil e Argentina. Colossos, como Neco, que avultam na memória de tantos brasileiros, tirando a bola dos pés do beque, negando-a aos pés de uns, cedendo-a a outros e retomando-a, e com ela entrando no gol, não existiam para ele. Não viu os campos sem arquibancadas, virgens de cimento armado. Não fora atingido pela mística do futebol. Maravilhou-se de descobrir tanto sentimento em Bolota, e simpatizou com isso (Amado, 1974: 121).

Eram as lembranças do tempo da meninice e adolescência do autor. Desta forma, Gilberto Amado, mesmo narrando no impessoal, também se torna parte ativa do texto – materializado nas reminiscências dos dois protagonistas do texto. A relação era simbiótica, pois, entre as lembranças de Amado, os personagens também ganhavam uma vida mais realística. *Bolota*, por exemplo, foi parar no meio da seleção brasileira que havia disputado um dos Sul-Americanos disputados durante a década de 1910, convivendo, na imaginação artística do autor, com os primeiros jogadores de destaque do futebol brasileiro como Marcos de Mendonça, Neco, Vidal, Chico Neto e Friedereich.

E como seus textos eram *espaços de memória* (Bresciani, & Naxara, 2001), não pode se negar que a principal característica deste estilo literário: a idealização de um passado em detrimento a um presente incerto e, de certa forma, gerador de um sentimento de angústia. “Geraldo [o protagonista fictício] amanhecera para as atividades humanas já em período de decadência do futebol no Rio. Conhecia Marcos Mendonça como industrial, pai de família e homem de sociedade. Não o vira de calção, voando para a bola, à porta do retângulo, compondo com Vital e Chico Neto o trio invencível. De Walfare e de Sidney, nem ouvira falar” (Amado, 1974: 121).

Amado era um nostálgico e, conseqüentemente, sua criação é marcada pela condição psicológica do autor. Coadunam-se, então, seus escritos memorialistas e o seu próprio perfil, pois ninguém que não fosse integrado e estivesse em concordância com as normas sociais de uma época poderia, posteriormente, lembrá-la com um tom de nostalgia. Como político, escritor e diplomata era um “estabelecido” no sistema vigente, sendo assim, corroborava com a formação de uma identidade nacional implementada via a incorporação de elementos da cultura européia. Mesmo que fosse nítido que o decorrer da sua vida – o período em que residiu em vários países – tenha feito com que acentuasse o gosto pelas coisas tipicamente brasileiras.

Assim, prova-se que o escritor mantinha uma coerência no conjunto da sua obra. Defensor convicto da prática do futebol nos seus primórdios quando ainda era jovem e, posteriormente, quando já era reconhecido no meio literário, resgatando as vivências que teve nos campos, ainda sem arquibancadas, onde contemplou aqueles jovens da elite carioca exibindo a plástica motriz que tanto admirava. Em 1921, em uma famosa crônica publicada, era afirmado pelo autor: “Não há hoje no Rio assunto mais sério, que tanto diga com o encanto e o brilho da cidade, do que o futebol. Tenho, portanto, justificação para dedicar-lhe esta coluna” (Amado In Pedrosa, 1968: 161).

Porém, se Gilberto Amado admirava o futebol – defendendo-o em algumas oportunidades, sugestionando sobre a forma como era dirigido no Brasil em outras, e principalmente lembrando com afeto do seu passado remoto (ligado à sua própria história de vida) – de longe seu envolvimento poderia ser comparado ao de outros autores da sua época, como Coelho Netto, por exemplo.

III

A presença do futebol na vida de Coelho Netto acabou resultando no que, provavelmente, tenha sido o seu maior infortúnio: a morte prematura, em 1922, do seu filho Emmanuel, com apenas vinte e quatro anos, devido a um acidente dentro dos gramados. “Mano” sofreu uma falta violenta de um adversário que, segundo a crônica da época, fora “imprudente” (Coelho Netto (Paulo), 2002: 80-81). A partir deste lúgubre fato o literato se integra aos textos na tentativa de manifestar seu ressentimento – que iria permanecer como característica até o findar da sua existência, no ano de 1934.

Impregnado de sentimentalismo, o autor iria publicar em 1924 a obra *Mano, Livro da Saudade*, romance memorialista que serviu ao mesmo tempo para homenagear o falecido filho e atenuar a dor/saudade do pai. Sem perder a sua principal característica artística que é a forte preocupação com a estética e com a forma, o autor demonstra estar contrito, questionando os rumos irregulares e (para ele) incompreensíveis de um destino traiçoeiro e injusto.

Que haveria? Por que tão atento o fitava o médico tomando-lhe obstinadamente o pulso?
Eu sentia um perigo. Parecia-me vê-lo à beira de um abismo que ele tivesse de atravessar sobre estreita ponte frágil.

De repente, agitando-se, abrindo um olhar imenso, perguntou em voz surda:

- Que horas são?

Alguém respondeu baixinho, entanto a resposta soou forte no silêncio, como pancada em lâmina metálica: “Sete!”

Ia-se a tarde em desmaio melancólico, já agasalhada em sombras.

Por que teria ele feito tal pergunta? Que teria visto? Os prenúncios, talvez, da noite primitiva, a noite que se fecha para o sempre, noite vazia, silente, sem astros, sepultura da luz.

O coração retransiu-se-me apertando, o fôlego sustou-se-me na garganta e meus olhos, como atraídos, voltaram-se para o oratório buscando a cruz de bronze, relíquia de Jerusalém, sacrossanto sinete que tem selado para a Eternidade todos os mortos da minha família.

E as lágrimas borbulharam-me no coração, senti-as subirem-me aos olhos, a jorros violentos, e tive forças para contê-las.

Súbito o silêncio estalou em pranto como um vaso hermeticamente fechado que se fizesse pedaços derramando todo o líquido contido.

Tombei de joelhos junto do leito agarrando-me desesperadamente ao corpo que se imobilizava.

Tudo cessara e o olhar, que ele ainda mantinha fito em nós, extático, não tinha luz: era como o morrão que fica ardendo nos círios e que, pouco a pouco, envolto em fumo, vai-se extinguindo, até de todo se apagar.

Alguém chamou por ele, em pranto.

Ai! de nós...

Às pedras deu-lhes Deus o eco para responderem a quem lhes brada e ao que morre tudo se vai, não fica, sequer, um pouco de som para a suprema palavra de um adeus.

É um caixão que se fecha. Nada mais (Coelho Netto, 1956: s/p.).

Impotência, ódio, ranço, mágoa, tristeza e remorso são contrapostos à felicidade, conforto, fé e paixão. A tríade entre escritor (concebido como um artista), sua produção (a própria obra) e o público (o leitor), proposta por Candido (2000), torna-se mais complexa no caso específico da obra *Mano*. O livro é um “grito” de extravaso do autor. É uma conversa íntima do autor com o falecido filho, com suas convicções religiosas e, principalmente, consigo mesmo. São questões existenciais que precisavam ser respondidas para que o autor encontrasse o rumo e pudesse dar continuidade à vida. “Agora, quando me deito, antes do sono vir, sinto-o comigo, a meu lado, vivo na minha lembrança, em saudade, sombra que me ficou no coração, rastro de uma ventura que passou, sonho com que me consolo dentro da noite triste e eterna, no qual o vejo desde pequenino, quando ali nasceu para tão curta vida, até o doloroso instante em que se foi para o sempre” (Coelho Netto, 1956: s/p.). Enfim, a preocupação com o leitor é diminuta, Coelho Netto só recorreu ao principal meio de manifestação que conhecia para estabelecer diálogos com os protagonistas deste drama real: ele próprio, seu filho Emmanuel e Deus.

Coincidentemente, o dia do velório era o mesmo de uma aguardada e celebrada partida entre o selecionado brasileiro e o argentino. O autor, então, expõe o contraste entre o seu sentimento de dor e a euforia coletiva que ocorria paralelamente no campo logo ao lado:

Longo, perduradouro vozear no estádio anunciava o início do jogo quando o sacerdote, o mesmo que o ouvira de confissão, aproximou-se para encomendá-lo a Deus.

Era o sinal da partida.

Uma voz sussurrou-me:

“Que iam fechar o caixão”.

Estremeci. Seria possível! Encheu-se-me o peito de tanta agonia que me senti oprimido como se o coração se me houvesse petrificado.

Que fazer?

Último adeus ao filho, último beijo à fronte gélida, bênção derradeira.

Retiraram-lhe o crucifixo do peito.

[...] Chorávamos humildes quando trovejou no estádio clamor imenso de triunfo e o coliseu longamente atroou o estrondo das aclamações vitoriosas.

Ouvindo aquele tronejo heróico lembramo-nos de tardes, outras, iguais àquela e parecia-nos que o nome proclamado estrepitosamente era o dele, dele que ali se fizera desde pequenino, brincando naquele campo, nele crescendo em força e garbo, nele batendo-se pelas cores, que eram o seu orgulho.

E seria dele o nome que ouvíamos nas aclamações ovantes da multidão em delírio?

Sim, era o seu nome, não saía do estádio, mas do fundo dos nossos corações porque, embora estrondosas, todas aquelas vozes de milhares de bocas não estrugiam tão alto como nos soavam intimamente os apelos doloridos da nossa imensa saudade.

E, no final do jogo, com o escoar da turbamulta, a nossa rua encheu-se e os que passavam, comentando os lances mais brilhantes da partida, não se lembravam do enterro que dali saíra.

E, para o seu espírito, foi melhor assim (Coelho Netto, 1956: s/p.).

Posteriormente, um de seus filhos, também ex-atleta do Fluminense iria se tornar escritor, seguindo o legado do pai. Paulo Coelho Netto escreveria em 1952 o primeiro volume do livro *História do Fluminense*. De forma envolvida, nesta obra, o autor foi incisivo: a perda de Emmanuel fora a derrocada na carreira do pai (Coelho Netto (Paulo), 2002: 80-81).

Mas se a princípio poderia se esperar que o Coelho Netto modificasse seu parecer sobre os esportes, criando certa ojeriza à atividade em virtude do acidente mortal com o filho, o ocorrido foi exatamente o oposto: Coelho Netto passou a defender com mais incidência e veemência a prática do futebol. Mesmo amargurado, o seu temperamento o conduziu a focar em dois pontos: a lembrança emotiva do filho falecido, um exemplo de *sportman*; e o amparo aos demais filhos homens que ainda continuavam sendo ávidos praticantes de esportes. Tudo isso foi manifestado nas suas obras, como, demonstrado na seguinte passagem da obra *Mano...*

Mas de que servem lágrimas?! Paraste na mocidade. Os teus irmãos menores prosseguirão na vida e tu, que os precedias, quedarás na hora em que caíste, vendo-os passar, transpor a idade em que foste ferido, entrar pelos anos além, envelhecendo, e eles falarão de ti, o irmão mais velho, morto com pouco mais de vinte e quatro anos. E assim ficarás sempre jovem na saudade dos teus, que te perderam (Coelho Netto, 1956: s/p.).

IV

Sobretudo, o que foi notório nesta análise: é impossível segmentar a produção intelectual de Coelho Netto acerca do futebol e suas iniciativas engajadas visando o desenvolvimento do esporte. Como argumentou seu filho Paulo Coelho Netto (2002), o que pensar sobre a paixão de um homem pelo futebol quando, na condição de escritor famoso, membro da *Academia Brasileira de Letras*, Deputado Federal, professor universitário das cadeiras de História do Teatro e Literatura Dramática, este protagoniza a primeira invasão de campo em 1916, quebrando o rígido código esportivo da época, ao acreditar que o árbitro estava sendo imparcial, prejudicando o Fluminense, acentuado ainda pelo fato de ter alguns filhos jogando por este Clube?

Nas palavras carregadas de admiração do próprio filho, as conseqüências do envolvimento e da paixão de um autor de destaque em relação ao futebol:

A contribuição de Coelho Netto ao Fluminense e, de modo geral, ao Esporte, tem de ser distinguida pelo historiador. Em primeiro plano, o Intelectual-Torcedor que não hesitou em afrontar a velha e arraigada opinião que apresentava o futebol como divertimento de desocupados. Enfrentando e derrubando o preconceito generalizado, o mais completo e fecundo Trabalhador Mental da língua portuguesa, em todos os tempos, não vacilou, um só instante, ao

lançar na arena das decisões definitivas e irrecorríveis a sua popularidade e o seu prestígio internacional de escritor, abraçando, de corpo e alma, a causa dos esportes no Brasil e dando o exemplo com os próprios filhos (Coelho Netto (Paulo), 2002: 378).

Coelho Netto, mais do que um literato engajado, era um homem de ação. Sua produção intelectual sobre os esportes, ao contrário das manifestações da maioria dos outros escritores da sua época, não se deu apenas no plano literário. Seus escritos funcionavam como uma espécie de recurso de divulgação daquilo que o autor adotava e realizava no plano prático. Não era apenas um analista do esporte, mas sim, parte constitutiva do início da sua história no Brasil.

Defensor convicto do ideal estabelecido dentro da sua própria época, seguia-o a risca, lutando pelo desenvolvimento dos esportes como sinônimo de higiene e ativismo. Se o tempo, então, é compreendido, como uma estruturação humana, partindo-se da premissa que é construído de acordo com o conhecimento adquirido pelo homem e a forma de reproduzi-lo para as futuras gerações (Elias, 1998: 33), Coelho Netto pode ser considerado um dos principais artífices da popularização e desenvolvimento do esporte.

Referências

AMADO, G. *Seleta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

BARBOSA, F. *A Vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, A. H. L. *Um Longo Futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

_____. *Toda a Crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BARRETO, L. *Literatura Comentada, textos selecionados, análise histórico-literária, biografia e atividades de compreensão de texto*. PRADO, A. (org). São Paulo: Abril Educação, 1980.

BRESCIANI, S. & NAXARA, M. (org). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2001.

CANDIDO, A. et. al. *A Crônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

_____. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Queroz, 2000.

COELHO NETO, P. *História do Fluminense*. 2a ed. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.

COELHO NETTO, H. *Mano, Livro da Saudade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

ELIAS, N. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MICELI, S. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo: Perspectivas, 1977.

PEDROSA, M. *Gol de Letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968.

REZENDE, B. *Lima Panfletário*. In: Revista Nossa História. Ano 2. n. 15, janeiro/2005.

SEVCENKO, N. *Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.